



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

PAISAGENS DA MEMÓRIA ITAQUIENSE EM POEMAS DE JOSÉ JOÃO SAMPAIO DA SILVA E MÁRIO RUBENS BATTANOLI DE LIMA

Jucelino Viçosa de Viçosa, Maria Luiza Berwanger da Silva (Orient.), Cleusa Maria Gomes Graebin (Coorient.)
Universidade La Salle

Resumo

O artigo estuda os poemas *Milonga para Don Mulato* e *Tropa Miúda* para evidenciar a fisionomia local e figuras mediadoras de paisagens. O referencial teórico sustenta-se em autores como Halbwachs, Candau, Pollak, Bernd, Berwanger, Collot. Os autores buscam na memória componentes que oportunizam a reconfiguração de paisagens e percepção de vivências locais a partir de peculiaridades vocabulares e características ligadas à atividade. Recriam o passado, revisitam o falar fronteiriço, ampliam os limites de interpretação, preservam a memória do lugar e reconfiguram a paisagem.

Palavras-chave: Paisagem, Memória, Figuras.

Área Temática: Ciências Humanas

1. Introdução - Propósito central do trabalho

A presente comunicação tem como tema o estudo dos poemas *Milonga para Don Mulato*, de José João Sampaio da Silva, e *Tropa Miúda*, de Mário Rubens Battanoli de Lima, em que se ressaltam as marcas e os traços de paisagens geográficas e subjetivas identificadas nos poemas, com o intuito de se configurar ou reconfigurar uma paisagem poetizada pela mediação das construções poéticas dos autores selecionados. Tendo como objetivo configurar as paisagens itaquenses evidenciadas nos poemas examinados como geografia simbólica e suas ressignificações e possíveis expansões. Envolvendo a seguinte problemática: quais os efeitos produzidos para se chegar à ressimbolização de tal paisagem, de modo a transformá-la em paisagem cultural e subjetiva?

2. Marco Teórico

Quando se reflete sobre a memória, torna-se possível entender o cotidiano, já que lembrar e esquecer são partes de igual processo, e os vestígios, os rastros se tornam possíveis de reproduzir fatos de uma existência. A memória se configura como um momento em que há uma busca constante de se construir/desconstruir e sua conquista sempre se apresenta de forma fragmentária, inacabada (BERND, 2013).

Entende-se que a memória, em Halbwachs (1990), caracteriza-se por ser um ponto de referência entre as mais diversas influências sociais recebidas pelo indivíduo e a forma como este articula suas lembranças. Aquilo que é rememorado passa a ter a significação específica que cada pessoa resolve atribuir às suas experiências passadas.

No caso dos autores estudados, cada um tem sua própria semente de rememoração e, dentro de um contexto mais amplo, acabam por englobar outras recordações que desembocam em uma produção poética diversificada e com os mais variados elementos característicos da paisagem itaquense. No entanto, a convivência com os demais faz com que novas informações sejam agregadas às lembranças de cada sujeito, para configurar o que Pollak (1992) determina



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

como a “memória por tabela”, isto é, acontecimentos que o imaginário permite ao indivíduo sentir-se parte integrante de suas lembranças, sem levar em consideração se viveu ou não o que está sendo contado.

De acordo com Assmann (2011), no caso de faltar autenticidade para alguns fatos recordados, haverá uma compensação em razão da construtividade adquirida, e as perdas verificadas tornam-se possíveis de serem reagregadas pela literatura.

Em se tratando de identidade, Candau (2014) argumenta que essa é construída ao longo do tempo, e cabe ao próprio tempo, constantemente, as alterações direcionadas ao indivíduo. Conforme Assmann (2011), sempre que houver uma espécie de reformulação da identidade, irá ocorrer uma reorganização da memória.

O regional, no entender de Berwanger (2010), caracteriza-se como um “arquivo do perto e do longe” e, dessa forma, torna-se capaz de produzir no sujeito sensações de lembranças e esquecimentos, de modo que se evidencia como uma geografia em constante processo de reconstrução. A identidade das figuras presentes nos versos dos poemas analisados está fundamentada no cotidiano de quem vive e trabalha no campo, em que a vida acaba por forjar valores e atitudes do ser humano, a comprovar a renovação constante de seus horizontes culturais, num propósito que busca assegurar a universalização da temática.

O lugar descrito com base na subjetividade tem como propósito que a travessia do regional-local seja redesenhada para o nacional-universal, englobando tanto a vastidão do espaço quanto a do tempo (BERWANGER, 2010). Compreender a noção de identidade, no entender de Bernd (2008), exige a percepção do outro em sua diversidade, de modo que essa identidade seja repensada a partir da alteridade, do intercâmbio com a cultura do outro, fazendo com que essa visão identitária possa ser entendida como um “lugar de confluência do múltiplo” (p. 28).

A memória, para Candau (2014), atua como fortalecedor da identidade, seja na forma individual ou na coletiva, pois quando se restitui a memória desaparecida de uma pessoa, na realidade, está se fazendo a restituição de sua identidade. Conforme Berwanger (2009), a literatura possibilita a transformação de um mero espaço de página em algo que possa ser traduzido em uma página do mundo, que parte de um viés local e adquire, por vezes, a plenitude do universal.

Para Pollak (1992), o sujeito constrói sua identidade a partir do sentido de imagem que tem de si próprio, para si e com relação aos outros, ou seja, essa identidade é resultado da imagem adquirida no decorrer de sua existência, construída ao longo do tempo e apresentada aos demais. A fisionomia de um determinado lugar se reflete, de certo modo, em outros lugares e isso faz com que o local rompa com suas limitações e adquira outras dimensões, mediadas por uma paisagem singular (BERWANGER, 2010).

É a partir da linguagem que o ser humano se identifica como ser social, pois compete à língua não somente nomear a realidade circundante, mas conferir a existência do que envolve o contexto de qualquer sujeito. A linguagem acaba por representar os mais variados tipos de textos, cujo resultado é a transformação da própria linguagem (BARTHES, 2004). O sujeito e o espaço se entrelaçam com suas características múltiplas e, desse modo, propiciam ao leitor uma reconfiguração da memória, por revivificar o passado e reconstituir esse tempo no presente, evidenciado pelas ações que caracterizam esse sujeito; ou seja, as imagens presentes na lembrança ganham vida no vasto painel do imaginário (BERWANGER, 2009). A linguagem, para Bernd (2011), tem por função mediar o contato do sujeito com o mundo e evidenciar a existência real da linguagem.

A construção poética dos autores estudados apresenta uma linguagem simples e direta, com o emprego de metáforas que remetem ao universo rural, contexto onde se desenrola a realidade das figuras analisadas, exemplificada pela referência a plantas, animais e, principalmente, à paisagem itaquense, lugar do cotidiano do fronteiriço. A capacidade de ressimbolização oportuniza o surgimento de novos espaços no campo do saber artístico e não artístico (BERWANGER, 2009).



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Reconfigurada a paisagem, a poética de cada autor torna-se capaz de transformar o horizonte do poema em horizonte do mundo; a flexibilização de fronteiras geográficas e não geográficas oportuniza o entrecruzamento da memória com a literatura e a vida presente (BERWANGER, 2009).

Desse modo, trabalhar com a poesia de José João Sampaio da Silva e Mário Rubens Battanoli de Lima significa apresentar a paisagem geográfica de Itaqui em seu contexto rural, de campos e estradas, assim como demonstrar a sensibilidade dos autores no momento em que produzem versos tendo o seu local de atuação e vivências como tema. A paisagem, em sua relação com o sujeito, pode ser vivida como uma experiência equivalente, situada no espaço objetivo, ao estado do sujeito e este, por sua vez, está localizado no contexto da transparência.

Há que se considerar o fato de que um quadro paisagístico traz em si a estrutura fundamental da percepção humana, onde a paisagem é vista como um lugar de emergência de uma forma de pensamento, isto é, a percepção da paisagem provoca o surgimento de alguma forma de pensamento em relação ao que está sendo observado ou sentido (COLLOT, 2013). É a paisagem agindo como suporte para o próprio pensamento, como imagem do mundo vivido, numa experiência sensível que se torna uma fonte de sentidos, além disso, exerce uma espécie de sobreposição à visão fragmentária de um dado objeto, ou seja, a subjetividade da paisagem é expressa por meio de um conjunto de elementos visíveis e perceptíveis, representado pela imagem simbólica desse objeto (COLLOT, 2013).

Assim, a paisagem pode ser entendida como o lugar em que se permite a troca entre a figura integrante do cenário e o mundo que a cerca, resultando em uma espécie de aliança entre o interior (aspectos subjetivos) e o exterior (a realidade objetiva) em que dada paisagem passa a ter sua definição a partir do ponto de vista de um sujeito sobre o universo. O “pensamento-paisagem” tem a capacidade de ampliar tudo o que é subjetivo, visto como produto de um olhar sobre um espaço geográfico, faz-se capaz de provocar uma transformação nesse espaço por meio da subjetividade.

A dimensão subjetiva de uma paisagem engloba, além da visão, os demais sentidos, pois essa percepção plena acaba por enriquecer o contexto a ser abordado. De modo que se pode entender que há, primeiramente, uma interiorização e, depois, uma exteriorização dessa paisagem, fazendo com que se evidencie a simbiose entre os valores afetivos presentes, bem como impressões pessoais, emoções e sentimentos vivenciados e que estão, de algum modo, expressos no momento da construção dos poemas (COLLOT, 2013).

A paisagem e o vocabulário característico funcionam como dimensões ilustrativas do contexto itaquense sem, contudo, significar alguma limitação para as possibilidades interpretativas presentes numa mensagem bastante simples e, simultaneamente, rica e humana. Enquanto construção simbólica, a paisagem se reveste de fatores significativos ligados ao inconsciente da pessoa, assim como a fatos relacionados à sua existência (COLLOT, 2013).

Halbwachs (1990) assegura que o espaço se torna capaz de responder aos entrecruzamentos dos tempos sociais onde está localizada a lembrança, conquanto os grupos fixam, de maneira provisória ou definitiva, os acontecimentos vivenciados por seus componentes. Do mesmo modo, constata-se que Halbwachs (1990) também sublinha a noção de se entender a história como uma compilação de fatos que ocuparam o maior espaço na memória das pessoas, onde o propósito em ampliar e universalizar o tempo estaria centrado na representação desse espaço, e cabe a seus integrantes sua configuração como forma de preservação da memória e pertencimento ao lugar. O espaço deve ser visto como o roteiro capaz de levar alguém a algum lugar, e não somente como área a ser ocupada, povoada (BERND, 2013).

Com base no exposto, nesse estudo, insere-se a paisagem observada, assim como seus componentes, na condição de um personagem integrante do cenário poético descortinado pelos autores, como um fator de caracterização das figuras identificadas e que estão diretamente vinculadas ao contexto da região, na convivência harmônica em relação ao ambiente natural. Inclusive serve como componente de construção de uma identidade fronteiriça tão influenciada pelo meio, isso acaba por determinar alguns hábitos e atitudes. Tendo por suporte a leitura



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

simbólica dos poemas, sublinham-se as transformações da paisagem geográfica e cultural em paisagem poética e artística.

Considerando-se as paisagens poéticas de José João Sampaio da Silva, pode-se dizer que seus poemas englobam o universo do ser humano por meio de matizes que inserem novas paisagens ao cenário de Itaqui, ao mergulhar num passado marcado por uma imagem campeira, por sentimentos inerentes à alma humana e por fazer com que a cultura itaquense se espalhe pelos ventos da arte do Rio Grande do Sul.

A experiência de leitura estabelece, conforme Camargo (2010), uma espécie de tensão e articulação entre a história pessoal do poeta e a própria história literária, verifica-se, desse modo, o vínculo entre a poesia e a condição humana de cada um, além de habilitar o leitor para que atue como pessoa integrante da construção poética e seus sentidos correspondentes.

Em *Milonga para Don Mulato*, estabelece-se uma referência a Alípio Escobar, o 'Don Mulato', figura sempre presente nas conversas em volta de um fogo de chão, graças a seus valores como ser humano, peão campeiro, tropeiro e domador: *"Uma estampa de caudilho, / Sábio de tanto andejar / E uma luz a iluminar / Sua vida nos rigores, / Poeira de mil corredores / Era o Alípio Escobar"*. Para Silva, 'Don Mulato' era um tropeiro que se destacava nos cuidados que tinha com a tropa, principalmente em noites de ronda *"Com um palheiro a luzir / Mascando léguas ao 'tranquito' / Era um centauro solito / Bombeando a pátria a dormir"*.

A linguagem representa o espaço privilegiado para a reprodução de problemas sociais e ideológicos num contexto em que se associam as mais diversas identidades, onde cada grupo traz consigo suas experiências e aspirações. Assim é um cenário de fronteira, onde habitam os que buscam preservar os pressupostos idealizados por quem preserva as tradições, bem como aqueles que pregam o rompimento com o que foi construído ao longo do tempo e de forma hegemônica (CHIAPPINI; MARTINS; PESAVENTO, 2004).

Silva enaltece o ser humano de alma campeira, independente de raça e cor, salienta-se que nesse poema tem-se a valorização do negro que, historicamente, apesar do jugo da escravidão, adaptou-se às atividades de campo e colocou-se entre "[...] os melhores domadores, os mais ágeis laçadores e os campeiros mais exímios de todos os tempos" (ORNELLAS, 1999, p. 07).

Ao buscar suas memórias, Silva faz um recorte na figura de uma pessoa simples, integrante do universo rural da Fronteira Oeste, transforma-a num poema e concede-lhe visibilidade e reconhecimento perante os demais componentes do grupo social e cultural fronteiriço. A partir das lembranças revividas, vê-se que a paisagem reproduzida de um cotidiano singular ganha dimensão universal, capaz de transcender a Fronteira Oeste, pode-se dizer que houve um redesenho do lugar por meio do "lirismo reinventado" em que tal paisagem é resultante da captação do olhar do poeta (BERWANGER, 2009).

Além disso, por meio do "pensamento-paisagem", evidenciado pelo lume do cigarro a iluminar a noite ("com um palheiro a luzir"), velar pelo sono (segurança) do país ("bombeando a pátria a dormir"), engolir distâncias ("mascando léguas") observam-se os recônditos de relações estabelecidas entre literatura e geografia, uma vez que há uma articulação entre lugares, memórias e subjetividade, ou seja, valoriza-se a experiência paisagística efetivada pela presença (BERWANGER, 2016).

Durante as tropeadas, ressaltavam-se suas qualidades para recolher um boi extraviado ou apartar o gado para curá-lo ou colocar em uma invernada: *"Correr boi num banhadal / Deste Rio Grande teatino / Num aparte era ladino / Com aquele pala reiúno, / Encostava seu lobuno / E dando de mão na cola, / Ia pechando pachola / Nas paletas dum turuno"*. Depois que se encerraram as tropeadas, 'Don Mulato' deu ênfase às atividades de domador e, apesar da idade avançada, era muito respeitado numa doma: *"E quase no fim da vida / O tempo envelhece tudo / Foi domando cornilhudo / Pingaços pra toda lida"*; e o tempo, conforme Silva, vai desgastando as coisas e as pessoas, além de destacar a forma como morreu Alípio Escobar que não teve o reconhecimento na velhice, como fora reconhecido quando em pleno exercício de suas atividades campeiras: *"Morreu só e abandonado / Na vila do Bororé"*.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Eis aqui uma estrutura identitária que se forjou na rusticidade de atividades campeiras e que, com o advento da modernidade, o sujeito poético dela resultante acabou perdendo seu espaço de atuação. 'Don Mulato' foi uma pessoa comum que gostava do que fazia e foi granjeando conhecimentos a partir da labuta cotidiana e, com simplicidade e humildade, morreu na solidão do interior do município de Itaqui. Sua grandeza reside nos termos empregados por Silva para dar-lhe uma conotação especial, ao evocar suas qualidades como ser humano e que, para o poeta, merece ser reverenciado.

A linguagem poética tem o dom de transgredir as fronteiras geográficas por meio de uma literatura estabelecida na errância, no deslocamento; para Berwanger (2016) é como se "[...] o poeta fosse compondo o esboço de um certo território intervalar, no qual distintas linguagens convivem em relação de suave harmonia com a literatura mediada pela relação do livre pensar com o livre perceber" (p. 67). Portanto, por se tratar de um espaço de fronteira, de acordo com Chiappini; Martins; Pesavento (2004), denota-se a ocorrência de uma hibridização cultural, tendo em vista que a linguagem empregada, as apropriações evidenciadas, bem como a temática e a paisagem, acabam coexistindo nos dois lados, numa espécie de acordo entre os "vizinhos lindeiros", por isso Alípio Escobar se torna o 'Don Mulato', uma honraria latina, assim como a milonga é o ritmo escolhido para 'empeçar' a história e as 'chilenas' indicam a presença de um trabalhador forte e vigoroso.

Em *Milonga para Don Mulato*, Silva enfatiza e engrandece uma figura simples, carismática e um profundo conhecedor das coisas do campo. Alípio Escobar, o 'Don Mulato', traz no apelido sua condição de negro plenamente integrado ao contexto das estâncias da época, bem como sua vitalidade está expressa em "puro cerne de espinilho". Um homem que, ao longo do tempo, enfrentou os rigores da campanha e demonstrava muita experiência acumulada ("sábio de tanto andejar" / "poeira de mil corredores").

Em sua simplicidade ("botas garrão de potro"), 'Don Mulato' na condução de uma tropa transformava-se num centauro e quando precisava apartar algum gado, contava com a ajuda do cavalo ("encostava seu lobuno") para executar a tarefa. Salienta-se que em nada se parecia com o centauro entronizado pelos tradicionalistas, pois se tratava de um negro simples, sem maiores projeções sociais, cuja atuação e reconhecimento estavam restritos ao campo, mais especificamente ao seu universo de trabalho. Em sua origem primitiva, o ser humano habitante do Rio Grande do Sul caracteriza-se por ser um produto decorrente da mestiçagem observada entre os europeus que aqui chegaram com a raça ameríndia que já ocupava o continente, posteriormente acrescida da miscigenação com a raça negra (LOPES, 2014).

Quando se fala de fronteira, de acordo com o raciocínio de Chiappini; Martins; Pesavento (2004), deve-se ir além da construção simbólica relacionada ao pertencimento, ou seja, a identidade, em virtude da fronteira por si só representar um referencial imaginário cuja definição apoia-se na diferença com relação aos que nela habitam.

Em noites de ronda, momento em que o gado precisava descansar, 'Don Mulato' rondava a tropa e a lua, ou seja, entoava cantigas de tropeiro para não dormir e manter quieta a boiada, além de novamente se fazer presente a linguagem coloquial, uma vez que a expressão "não é pra qualquer 'oropa'", tem o significado de que cuidar de uma tropa não é trabalho para qualquer pessoa alheia ao serviço, um "estrangeiro".

De acordo com a concepção de Vallerius (2010), quando se aborda uma temática local não há limitação atrelada a uma dada realidade, e sim existe a possibilidade de dotá-la de uma significação universal. Assim, cada um passa a ter noção de sua identidade a partir do momento em que se constrói como pessoa, conforme sua subjetividade e no momento em que interage com os demais num processo em constante transformação (SANTOS, 1998).

As identidades, assim como as imagens, trazem consigo essa noção de incompletude, em virtude de sua correspondência direta com a multiplicidade de experiências vivenciadas pelos indivíduos no âmbito de seu grupo social, ressalta-se que o ato da escrita resulta em uma produção de diferenças e que tal processo acaba por ressaltá-las objetivando melhor explicitação; desse modo, Vallerius (2010) enfatiza que tais diferenças atuam como um balizador da fronteira entre o eu e o outro.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Quando as tropeadas terminaram, 'Don Mulato' empregou-se de domador e assim terminou seus dias, com poucas posses ("E num pingo pangaré"), não teve o amparo das pessoas para quem trabalhou, assim como de entidades governamentais ("Morreu só e abandonado / Na vila do Bororé").

O poeta recolhe suas informações da memória coletiva e articula-as com sua memória individual e a cultural com a intenção de desenvolver uma poesia simples, sem valorização extremada a um representante da raça negra, mas com o intuito de elevar suas qualidades como pessoa e como trabalhador de campo, ao evidenciar que não teve o reconhecimento por parte de quem se utilizou de suas tantas capacidades. Silva presta uma homenagem no presente a quem não foi reconhecido em tempos anteriores, numa espécie de reordenação do passado, ou seja, ao que Candau (2014) define como uma memória "reivindicada, ostensiva", ou seja, a "metamemória".

O poema de Silva não pede aplausos para a exuberância que foi a figura de 'Don Mulato', uma vez que essa construção poética significa uma prece feita diante da humilde sepultura de Alípio Escobar.

A temática do negro e sua dedicação ao trabalho, assim como a posterior falta de reconhecimento verificada no poema *Milonga para Don Mulato* permitem uma possível manifestação aproximada no romance *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, onde um negro escravo fugido se alista na Marinha e conquista reconhecimento por sua dedicação, no entanto, por sua opção amorosa acaba punido e obtém o desprezo e desconsideração por parte da sociedade da época, como se evidencia na seguinte passagem: "Ele ali se achava no hospital, abandonado e só, gemendo tristezas inconsoláveis, arrastando os farrapos de sua alma, ganindo pobre cão sem dono blasfêmias contra a sorte que o desligara de Aleixo, contra Deus, contra tudo!" (CAMINHA, 2017, p. 120); representando a mesma solidão e abandono experimentados por 'Don Mulato', com a chegada da velhice.

Já no caso de Mário Rubens Battanoli de Lima, verifica-se uma certa rusticidade filosófica, evidenciada na possibilidade de poetização de um passado e sua relação direta com o presente, isto é, presencia-se a inserção de uma "historicidade circunstancial e literária" como produto da memória de um sujeito histórico que vivenciou alguns dos fatos reproduzidos (CAMARGO, 2010). Com o emprego de uma linguagem coloquial, os versos, mais do que delimitar espaços de uma determinada região, atuam como fontes aptas a ampliar os horizontes da Fronteira Oeste (CHIAPPINI; MARTINS; PESAVENTO, 2004).

Em "*Tropa Miúda*", Lima estabelece a crítica social a partir da comparação entre o passado, onde reponta uma tropa que se encontra em mau estado, e as crianças pedintes que povoam as calçadas na sociedade do presente: "*Ao ver essa tropa que vem assoleada, / Sem pasto e sem água / Me lembra meu povo, miúdo, sofrido, / Sem rumo e sem nada*". Manifesta o cuidado que o tropeiro tem com os terneiros que seguem na tropa e que, em razão das dificuldades, acabam caindo pela estrada, cuidado esse que não identifica com as crianças jogadas na vida: "*Como é triste o berro da tropa, parceiro / Que vem flagelada / E o tropeiro levanta o terneiro / Que cansa na beira da estrada*".

Há uma construção do passado feita de forma livre, considerando a inserção de acontecimentos do presente, além disso, o autor faz uso da crítica, reflexão e discute um problema da atualidade, sinalizando, desse modo, questões presentes na memória cultural (ASSMANN, 2011). Por outro lado, há uma metaforização da paisagem no momento em que a 'tropa miúda' se assemelha à tropa que está sendo conduzida, uma vez que: "A natureza humana e a natureza das coisas estão reunidas numa mesma palavra e em uma mesma emoção" (COLLOT, 2013, p. 41).

Os fatores econômicos que provocam a situação representada no poema vêm simbolizados pelo dourado do sol e a ausência de poder aquisitivo desemboca na falta de alimento e de sonhos a quem tanto necessita: "*O sol que alumia é a libra de ouro / Que falta a meu povo / Que chora por dentro, sem graxa e sem sonho*". Essa situação de miséria provoca a tristeza e o pranto no poeta que se vê incapaz de alterar o quadro: "*O pranto que eu choro, me*



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

cai e se some / Na barba morena / No lombo do vento, vaga o pensamento / E reponta minhas penas”.

É nesse momento que a linguagem literária transcende o espaço local e abrange uma paisagem universal, pois o presente e o passado dialogam mediante uma situação constatada, ao demonstrar o entrelaçamento da memória e a linguagem (BERWANGER, 2009).

Para encerrar, Lima dá nova lição de humildade, pois não se julga um grande campeão e, como tropeiro, sente-se como alguém ultrapassado pelos avanços da modernidade, mas que está preocupado com as grandes questões sociais como a falta de apoio às crianças pobres: *“Não me julgo campeão, mas queria ser / Um tropeiro de alma / Pra ‘ajuntar’ as crianças, cansadas e com fome, / Do chão das calçadas; / Mas fico pensando e me perguntando / Afinal quem sou eu? / Sou a poeira da estrada, o berro da boiada / Que o mundo esqueceu”.*

A paisagem do poema envolve fragmentos da memória que não devem ser apagados, além de evidenciar que o passado foi reconfigurado e moldado de acordo com o olhar do autor, envolvendo o que foi dito e o que não está expresso (COLLOT, 2013). Houve a transformação do passado em presente em que “[...] o sujeito poético encerra a memória do passado em pleno presente como forma de resistência” (CAMARGO, 2008, p. 100).

No poema *Tropa miúda*, Lima retorna ao seu tempo de tropeiro, só que agora, ao invés dos animais, quer repontar para uma vida de dignidade e de respeito com aquelas crianças que estão esmolando nas ruas da zona urbana. O tropeiro chora por ver sua impossibilidade de modificar a situação das crianças abandonadas.

Identifica-se a memória como mediadora dessa paisagem reconfigurada, uma vez que, no passado, era a tropa, e, no presente, são as crianças; nessa representação articulam-se a subjetividade do autor e a forma de se posicionar enquanto ser humano. O autor se caracteriza como um sujeito que reflete, raciocina e se utiliza de uma linguagem simples, coloquial, para emitir uma opinião a respeito de grandes temas da humanidade.

Relembra as péssimas condições de uma tropa ‘flagelada’, por ser composta de gado fraco, de má qualidade e sofre os rigores da fome e da sede; essa imagem se concretiza na figura das crianças abandonadas e que vivem na mendicância. A falta de comida e a de futuro das crianças são representadas por Lima como “sem graxa e sem sonho”, sequer sem condições de brincar ou de reagir frente ao destino (“um simples retovo”); qualifica-se como impossibilitado de modificar a situação do presente, pois se trata de alguém que ficou preso ao passado e, assim como as crianças, também ficou esquecido.

O poeta conseguiu captar e compreender a realidade presente e fez uma associação com o passado, ao lançar mão de fatores constitutivos de sua memória e daqueles que povoam a memória da comunidade, além de se utilizar de uma linguagem própria para representar o quadro imaginado (CANDAU, 2014).

O poema *Tropa miúda* permite que se pense em uma possível relação com a obra *Capitães da Areia*, romance de Jorge Amado e já adaptado ao cinema, com direção de Cecília Amado, no qual também se aborda a questão de menores abandonados, sua luta por sobrevivência e possibilidade de futuros a partir da realidade do presente. Evidenciadas pela passagem:

“[...] Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrível chefe dos “Capitães da Areia”. – Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras” (AMADO, 2009, p. 7).

Ambos os textos partem do local para o universal, uma vez que o problema social das crianças e menores de rua encontra-se em evidência no mundo contemporâneo e conforme Lima (2017) tal fato deveria ser: “Uma preocupação geral, de nós todos, com as crianças, não apenas eu com o meu filho. Com todas as crianças que estão diante de nossos olhos, na escola, na rua”



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

(LIMA, 2017). Estabelece-se, assim, a noção de que as dificuldades superadas no presente poderão servir como garantia de um futuro com melhores possibilidades.

Sendo a paisagem vista como um caminho percorrido por quem efetuou uma descrição poética de um cenário composto por natureza, animais, seres humanos numa mesma dimensão espacial e temporal, em que as manifestações dos sujeitos poéticos são decorrentes do olhar dos autores e da consequente captação da paisagem emoldurada nos poemas. Tal visualização permite dizer que os diversos horizontes estéticos oriundos da paisagem possibilitaram aos poetas captar os elementos da natureza e suas manifestações, descrevendo-os numa linguagem própria e desencadeando as mais diversas emoções.

3. Metodologia

No percurso metodológico, utilizou-se a pesquisa exploratória do tipo bibliográfica, que envolveu um levantamento realizado em livros, revistas, jornais e artigos impressos e digitalizados, por considerar que a pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir da consulta a materiais já elaborados, apresentados na forma impressa ou virtual, o que permite ao pesquisador a consulta direta às fontes de suas referências. Também foi empregada a pesquisa documental, que oportuniza um aprofundamento na leitura das fontes, sem a necessidade de um contato direto com os sujeitos envolvidos na pesquisa. Tendo sido realizada uma abordagem qualitativa, em que se toma como ponto de partida a realidade social e cultural de Itaqui-RS, num dado contexto socioeconômico do município, para apresentar as pessoas constituintes dos poemas e as paisagens referenciadas nos poemas.

4. Considerações Finais

As imagens poéticas construídas propiciaram a articulação entre o real e o simbólico, ao partir de fatos e situações reais, e seu envolvimento com circunstâncias relacionadas ao imaginário, à fantasia, dando-se ênfase às questões subjetivas representadas. Nesse sentido, percebeu-se que os poetas estudados se expressaram de acordo com sua natureza, por meio de uma linguagem simples, revestida de conotação telúrica e possibilitaram a construção de imagens que serviram como argumentação a posicionamentos pessoais. Desse modo, a simbologia verificada nos versos de cada poema configurou a grandeza e a simplicidade da paisagem interiorana de Itaqui num quadro capaz de permitir a observância de uma paisagem acolhedora e inspiradora, que propicia ao poeta extravasar suas inquietações e aspirações. Verificou-se, na poética estudada, o sentimento de apego e de respeito pelos elementos da paisagem campeira, uma vez que se percebe o campo como referência e, a partir daí, há possibilidade de vários desdobramentos no entorno da atividade pastoril, enquanto ofício e meio de subsistência no espaço geográfico da Fronteira Oeste.

Verificou-se um passado poetizado e reconstruído a partir da vivência dos autores, bem como dos fatos armazenados na memória de cada um, onde as lembranças entrelaçam passado e presente. Os eventos guardados na memória dão significado e existência às ações atribuídas aos sujeitos poéticos, onde os fragmentos memoriais são ressignificados com o emprego da subjetividade. Pode-se dizer que a memória ultrapassa épocas e gerações, desencadeando novas paisagens que abrangem componentes geográficos e subjetivos, por vezes cristalizando um traço identitário a cada lembrança.

Assim sendo, a memória é vista como fator mediador da paisagem reconfigurada por meio da articulação entre a subjetividade de cada poeta e sua forma de se posicionar frente à realidade. Os autores ressaltam os referenciais de memória que lhe são mais próximos e mais recorrentes em sua trajetória de vida, nos autores a reinterpretação de fatos pertencentes ao passado obedece a critérios de imaginação, emoção e sentimento, característicos da memória cultural, fazendo com que os sujeitos poéticos reproduzidos nos poemas incorporem-se à paisagem ressignificada. Nela, fica evidenciada a atuação do ambiente sobre suas ações.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Há uma recriação da paisagem do passado a partir de relatos, de fatos presenciados em que a memória atua como suporte a cada história poetizada. Desse modo, pode-se dizer que a paisagem reconfigurada apresenta um horizonte cujos contornos são delimitados de acordo com o ponto de vista dos autores e os vestígios de um passado constante na memória. Em face disso, pode-se dizer que tanto Silva quanto Lima buscam na memória aqueles componentes capazes de compor o quadro paisagístico das lembranças por eles incorporadas, para transformá-las em poesia. Utilizam-se de recordações para reproduzirem fatos de um passado ao qual pertenceram ou tomaram conhecimento por meio de narrativas de outras pessoas e, com a produção de seus versos, conseguem expor sua visão de mundo e de povo, bem como a utilização dos vultos integrantes dos poemas como meio de propagação de seu pensamento e de suas convicções. Assim, cada período vivido, cada situação experimentada torna-se capaz de deixar marcas dentro de sua história pessoal e, a partir daí, podem surgir as mais variadas interpretações e as mais diversas significações.

As paisagens são ressignificadas com base nos vestígios memoriais expressos nas percepções dos autores, em sua sensibilidade e subjetividade. Com isso, o passado adquire outra significação, propondo uma cartografia nova que, ao atribuir outra dimensão às paisagens e ao ampliar os horizontes da Fronteira Oeste, possibilita uma dimensão universal, e da reinvenção do passado traduzida pelos poemas estudados.

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Sohete. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERND, Zilá (Org.). **Imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais**. Porto Alegre: ABECAN; PPG Letras-UFRGS; Nova Prova, 2008.

_____. **Literatura e identidade nacional**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

_____. **Por uma estética dos vestígios memoriais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BERWANGER, Maria Luiza. **Paisagens do dom e da troca**. Porto Alegre: Literalis, 2009.

_____. Regionalismo mundializado. In: **Raido**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFDG: Dourados – MS. vol. 4, n. 8, jul./dez. 2010.

_____. Poesia brasileira contemporânea, paisagem e memória. In: **Organon**. Porto Alegre, v. 31, n. 61, jul./dez. 2016 (p. 65-80).

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Sobre leitura e escritos autobiográficos**: apontamentos teóricos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CAMINHA, Adolfo. **O bom crioulo**. Disponível em: <<http://www.klickeducacao.com.br>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

CHIAPPINI, Lúgia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Pampa e cultura**: de Fierro a Netto. Porto Alegre: Editora da UFRGS / Instituto Estadual do Livro, 2004.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, Mário Rubens Battanoli de. **Entrevista ao programa Ronda Gaúcha**. Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em 05 fev. 2017.

_____. **Entrevista**. Realizada na Estância Santa Cecília, em 03 de março de 2017.

LOPES, Cícero Galeno. Transfronteiricidade na cultura pampiana: pampa, espaço transfronteiriço. In: **Seminário Internacional Bioma Pampa**: valores biológicos, culturais e econômicos. Secretaria Estadual do Meio Ambiente (Sema) e Fundação Zoobotânica (FZB): Porto Alegre, 2014.

ORNELLAS, Manoelito de. **Gaúchos e beduínos**: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul. 4. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Sobre a autonomia das novas identidades coletivas**: alguns problemas teóricos. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13, nº 38, out. 1998.

VALLERIUS, Denise Malmann. **Borges em nova tradução**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.